

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM: um estudo de caso

Benedito Geovane M. da Silva¹

Sandra Diniz Costa²

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caso relacionado ao emprego da música como estratégia de alfabetização. Narra-se o processo de alfabetização deste pesquisador e as estratégias usadas pela professora que o alfabetizou. Identificando as dificuldades do aluno portador de dislexia, mas que gostava muito de tocar violão, a professora utilizou as palavras de letras de música para que ele pudesse reconhecer as letras. Inicialmente, apresenta-se um estudo bibliográfico a respeito de música, alfabetização e processos de aprendizagem e leitura e em seguida, apresenta-se o estudo de caso. Os resultados mostram uma experiência educacional bem-sucedida, por ter partido dos interesses da criança, para que as barreiras pudessem ser vencidas.

Palavras-chave: Alfabetização. Música. Dislexia.

Resumen

Este trabajo presenta un estudio de caso relacionado al empleo de la música como estrategia de alfabetización. Se narra el proceso de alfabetización de este investigador y las estrategias usadas por la profesora que lo alfabetizó. Identificando las dificultades del alumno portador de dislexia, pero que gustaba mucho de tocar la guitarra, la profesora utilizó las palabras de letras de música para que él pudiera reconocer las letras. Inicialmente, se presenta un estudio bibliográfico acerca de la música, la alfabetización y los procesos de aprendizaje y lectura y, a continuación, se presenta el estudio de caso. Los resultados muestran una experiencia educativa exitosa, por haber partido de los intereses del niño, para que las barreras pudieran ser vencidas.

Palabras clave: Alfabetización. Música. Dislexia.

¹ Graduando em Letras pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-Fucamp, em Monte Carmelo-MG.[]
bgm16@hotmail.com

² Professora ME. de Língua Portuguesa e Linguística- orientadora []professorasandradiniz.ufu@gmail.com

Introdução

Muito se tem estudado a respeito do processo de alfabetização e, nos últimos tempos, tem-se enfatizado a necessidade de partir de palavras que pertençam ao mundo da criança, que despertem nela o interesse em escrever. Assim, este estudo tem o objetivo de apresentar um estudo de caso, o meu próprio, e mostrar como a música pode ser um instrumento de aprendizagem e de motivação, no processo de letramento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, seguida de um estudo de caso que narra o processo pelo qual eu, um aluno com dislexia, aprendi a ler na escola. Por ser uma narrativa de uma experiência pessoal, será usada a primeira pessoa do singular neste trabalho.

Piaget defende que a dislexia não está diretamente voltada a elementos patológicos e linguísticos, mas na relação linguagem/pensamento. Para ele, o disléxico é uma pessoa saudável, mas que apresenta dificuldades na linguagem escrita, no momento em que elas se juntam para formar palavras. Soares fala que a alfabetização é contínua na vida da criança, do adolescente, do jovem e do adulto.

Este trabalho possui as seguintes seções: a primeira apresenta os conceitos de alfabetização; a segunda mostra o papel da música no contexto da alfabetização; a terceira traz a história da música no Brasil; a quarta traz alguns apontamentos sobre a dislexia e a quinta apresenta o estudo de caso.

1 Conceito(s) de alfabetização

Segundo Magna Soares, alfabetizar tomar o indivíduo capaz de ler e escrever. A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita, por um indivíduo ou grupo de indivíduos. É o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia, técnicas para exercer a arte e ciência da escrita.

A alfabetização é um processo pelo qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. Esse processo não se deve resumir apenas à aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas também à capacidade de interpretar, de compreender, de criticar e de produzir conhecimento. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e de uso da linguagem de maneira geral. Ainda Segundo Soares, a Alfabetização não é uma habilidade

que se caracteriza como algo sobrenatural da natureza, mas é fundamental para que o indivíduo possa incluir-se na sociedade em que vive.

1.1 Alfabetização e letramento

Alfabetização é saber codificar letras e números no seu sentido estrito, ou seja, compreender a tecnologia da escrita, é também socializar os indivíduos no meio em que vivem. A alfabetização distingue-se do letramento. A primeira diz mais respeito à aquisição da língua escrita pela decifração dos símbolos. Já o segundo, o letramento, diz respeito ao uso social da leitura. O indivíduo que apenas lê algumas palavras e não entende aquilo que leu, não está letrado adequadamente. É função do professor não apenas alfabetizar, mas alfabetizar letrando, isto é, preparando o indivíduo para usar efetivamente a leitura em sua vida. Nesse sentido, o letramento está ligado ao processo de desenvolvimento da cidadania.

1.2 Métodos de alfabetização

Para alfabetizar, existem vários métodos, como, por exemplo, saber decodificar as palavras e sua tonalidade correta sem alterar-lhes o sentido. Esses vários métodos de alfabetização se dividem em dois grupos: sintéticos e analíticos.

1.2.1 Método Sintético

O método sintético trabalha a alfabetização a partir do aprendizado por letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavra. Podem ser divididos em três tipos: (a) o alfabético, (b) o fônico e (c) o silábico.

No método alfabético, o aluno primeiro aprende as letras, depois forma as sílabas juntando as consoantes com as vogais, para, ao final, formar as palavras e construir textos.

No fônico, também conhecido como fonético, o aluno parte do som das letras, une o som da consoante com o som da vogal, pronuncia a sílaba formada. Já no silábico, ou silabação, o estudante aprende primeiro as sílabas para formar as palavras.

Nesses métodos, a leitura do texto, inicialmente, é mecânica; por ela, o leitor decifra as palavras e só bem mais tarde ocorre a leitura com a respectiva compreensão. São utilizadas as cartilhas que orientam os alunos e os professores no aprendizado.

Por ser um aprendizado feito de forma mecânica, por meio da repetição, os métodos sintéticos são considerados pelos críticos como mais cansativos e enfadonhos para as crianças, com textos fora da realidade da criança, que não cria nada, apenas age sem autonomia.

• 1.2.2 Métodos Analíticos

Os métodos analíticos defendem a ideia de que a leitura é um ato global e audiovisual. Partindo deste princípio, os seguidores do método começam a trabalhar a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas.

Esse método pode ser de palavração, de sentencição ou global. Na palavração, o ponto inicial é a palavra. Segundo VISVANATHAN (2009)

Primeiro, existe o contato com os vocábulos em uma sequência que engloba todos os sons da língua e, depois da aquisição de um certo número de palavras, inicia-se a formação das frases.

Na sentencição, a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas. Já no global, também conhecido como conto e estória, o método é composto por várias unidades de leitura que têm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança. Os críticos deste método dizem que a criança não aprende a ler, apenas decora (VISVANATHAN, 2009, p. 5).

Método Alfabético

Um dos mais antigos sistemas de alfabetização, ou de soletração, tem como princípio que a leitura parte da decoração oral das letras do alfabeto, depois, todas as suas combinações silábicas e, em seguida, as palavras. A partir dessa fase, a criança começa a ler sentenças curtas e evolui até conhecer histórias.

Por este processo, a criança soletra as sílabas até decodificar a palavra. Por exemplo, a palavra casa soletra-se assim c, a, ca, s, a, sa, casa. O método Alfabético permite a utilização de cartilhas.

As principais críticas a este método estão relacionadas à repetição dos exercícios, o que o tornaria tedioso para as crianças, além de não respeitar os conhecimentos adquiridos pelos

alunos antes de eles ingressarem na escola. Embora não seja o indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda é muito utilizado em diversas cidades do interior do Nordeste e Norte do País, já que é mais simples de ser aplicado por professores leigos⁴.

Método Fônico

O método fônico consiste na associação entre fonemas e grafemas, ou seja, entre sons e letras. Esse método exige que, primeiro, se descubra o princípio alfabético e, aos poucos, se consiga dominar o conhecimento ortográfico próprio de sua língua.

O método é baseado no ensino do código alfabético de forma dinâmica, ou seja, as relações entre sons e letras devem ser feitas por meio de atividades lúdicas, para levar as crianças a codificarem a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento.

Ainda segundo (VISVANATHAN, 2009, p. 5)

Os especialistas dizem que este método alfabetiza crianças, em média, no período de quatro a seis meses. Esse é o método mais recomendado nas diretrizes curriculares dos países desenvolvidos que utilizam a linguagem alfabética.

A maior crítica a este método é que não serve para trabalhar com as muitas exceções da Língua Portuguesa. Por exemplo, como explicar que *cassa* e *caça* têm a mesma pronúncia e se escrevem de maneira diferente? (VISVANATHAN, 2009, p. 8)

1.2.3 Os parâmetros nacionais e o “método” construtivista

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's (1988), são um guia para as escolas sobre como deveria ser a orientação para o ensino, de acordo com o Ministério da Educação. Tem como função orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

VISVANATHAN (2009) afirma:

Os PCN's propõem um currículo baseado no domínio das competências básicas e que esteja em consonância com os diversos contextos de vida dos alunos. "Mais do que reproduzir dados, denominar classificações ou identificar símbolos, estar formado para a vida, num mundo como o atual, de tão rápidas transformações e de tão difíceis contradições, significa saber se informar, se comunicar, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas

de qualquer natureza, participar socialmente, de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado", diz o documento (VISVANATHAN, 2009, p. 8).

De acordo com o MEC — Ministério da Educação — esses documentos foram feitos para ajudar o professor na execução de seu trabalho, servir de estímulo e apoio à reflexão sobre a sua prática diária, ao planejamento das aulas e, sobretudo, ao desenvolvimento do currículo da escola, formando jovens brasileiros para enfrentar a vida adulta com mais segurança.

Os PCN's defendem a linha construtivista como método de alfabetização. Surgida na década de 1980, a partir de estudiosas da área como Ana Teberosky e Emília Ferreiro, esta linha defende que a escola deve valorizar o conhecimento que a criança tem antes de ingressar no estabelecimento. A sua ênfase é na leitura e na língua escrita.

Os construtivistas são contra a elaboração de um material único para ser aplicado a todas as crianças, como as cartilhas, e rejeitam a prioridade do processo fônico. Por este método, as escolas, durante o processo de alfabetização, devem utilizar textos que estejam próximos do universo da criança (VISVANATHAN, 2009, p.11).

Após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, ficou em evidência o construtivo, pelo qual a criança constrói seu texto a partir de seu desenvolvimento cognitivo, ou seja, o conhecimento de mundo e o que ele aprende na escola e no seu dia a dia. Assim, ele se constrói como um leitor crítico e perceptivo no seu cotidiano

2 A importância da música na escola

A música proporciona o bem-estar e o prazer às crianças, devido ao seu ritmo, além de desenvolver o raciocínio lógico e o interesse das crianças em frequentar a escola, além de aumentar sua área de conhecimento linguístico e questões filosóficas, enriquece o vocabulário e faz com que a criança se envolva melhor nas matérias e faz perder a timidez, ativa o sistema nervoso, pois desenvolve a habilidade múltipla de ouvir e interpretar, desenvolve a percepção de ver o mundo, a música é responsável também pela atenção e sensibilidade, psicomotoras, diminuindo a ansiedade e aumentando habilidades ocultas e a interação social.

3 A música no contexto da alfabetização

A música sempre esteve presente no universo, antes mesmo da chegada do homem no ambiente terrestre. Os sons da natureza, tais como o barulho das ondas do mar, a brisa serena,

o canto dos pássaros etc. representaram por muito tempo uma canção puramente natural, mas que ajudou na origem da música como marca cultural da sociedade moderna.

Os seres humanos primitivos foram capazes de distinguir os sons da natureza para a sua sobrevivência no ambiente, e por instinto, descobriram o mais precioso dos instrumentos musicais: a voz. Naquele período, a voz ainda não era utilizada como uma combinação de notas para formar uma harmonia, era principalmente uma forma de comunicação por impulso, tal como a de outros animais.

Com a evolução do homem primitivo, vieram instrumentos para facilitar o cotidiano (utensílios, instrumentos de caça e pesca etc.) e, posteriormente, houve a criação de equipamentos que faziam barulhos interessantes. Pouco a pouco, o homem criou a sensibilidade necessária para juntar batidas desalinhadas e o silêncio a fim de construir notas e a partir delas, a música era utilizada como forma de adoração às belezas da natureza, à sua perfeição formal.

Segundo Claire (2009),

Foi na Antiguidade Clássica que a teoria musical surgiu. A sua representação se dava por quatro sons com as letras do alfabeto (tetracordes), os gregos também uniram a matemática para a criação de períodos e notas musicais. Além disso, os poemas tinham o acompanhamento de instrumentos musicais nacionais (lira e citara) (CLAIRE, 2009, p. 2)

Percebemos o valor o valor que o som organizado por nós pode alcançar quando desejamos por meio dele exprimir algo a outra pessoa. A música também pode despertar outros interesses de linguagem, por exemplo, a inteligência matemática, pois a música ajuda a desenvolver o raciocínio lógico e auxilia na compreensão das ciências.

4 História da música no Brasil

A música brasileira tem como sua maior influência a música africana, trazida pelos escravos, com seus ritmos frenéticos e instrumentos rudimentares. Mas essa não foi a única influência que desembarcou nos portos brasileiros na época da colonização. Os colonizadores europeus trouxeram o erudito, a dança de salão, os saraus e a música religiosa, totalmente contrastante com os cantos geralmente uníssonos e responsórios dos índios.

Segundo Fernandes (2016),

Enquanto, na opinião de alguns historiadores, a mestiçagem dos povos foi uma desgraça para o Brasil, ela foi elementar para a formação cultural do país, e só teve seu início oficial após a abolição da escravatura em 1888. A mistura dessas culturas diversas se tornou responsável pelo que conhecemos como

música brasileira hoje. A musicalidade brasileira é uma mistura de índios, europeus e africanos, e devido essas misturas de etnias hoje, a música brasileira é dividida em vários ritmos e gostos (FERNANDES, 2016, p. 6).

As primeiras gravações musicais no Brasil surgiram no início de 1900 e impulsionaram a música como negócio e como objeto de consumo e lazer. Fernandes (2016) ainda nos informa:

Os primeiros encontros sociais para apreciação de música aconteciam nas confeitarias, onde a alta sociedade se reunia para tomar chá enquanto ouvia grandes músicos da época. Também dentre as décadas de 10 e 20 era forte a presença de uma música feita longe dos grandes centros brasileiros: a música sertaneja. Como exemplo desta música sertaneja podemos citar a canção Luar do Sertão, composta por Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco, muito diferente da música sertaneja que conhecemos nos dias de hoje (FERNANDES, 2016, p. 10).

A partir de 1920, houve o crescimento do rádio e da gravação elétrica e a música se tornava oficialmente uma profissão. As grandes rádios possuíam orquestras que tocavam ao vivo durante os programas, que eram apresentados em teatros e vistos por plateias. Havia concursos que elegiam as melhores e mais charmosas cantoras e foram criados verdadeiros deuses e deusas da música brasileira. Como primeiro meio de comunicação midiático do País, o rádio se tornou uma fonte universal de informações e entretenimento. Nomes como Carmem Miranda, Ary Barroso e Pixinguinha surgiram.

Com a chegada da televisão ao Brasil, esse meio de comunicação tomou o lugar do rádio nas casas das classes sociais mais altas, na década de 1950. Ao final dessa década, surgiu, no Rio de Janeiro, o movimento da Bossa Nova.

Segundo Fernandes (2016),

O pontapé inicial da Bossa Nova foi dado por Elizeth Cardoso, ao gravar o LP intitulado "Canção do Amor Demais". Logo artistas como João Gilberto, Vinícius de Moraes e Tom Jobim surgiram, inovando a música brasileira. Eram músicas inovadoras, pois suas composições tratavam sobre assuntos com caráter apreciativo, exaltação da beleza, criadas a partir de associações entre palavras esteticamente semelhantes, e sua elaboração harmônica era muito desenvolvida, abusando de escalas e sonoridades não usadas nos outros estilos brasileiros.

Paralelamente ao sucesso da Bossa Nova, que se tornou uma referência musical em todo o mundo, um novo gênero vindo dos Estados Unidos começava a interessar jovens brasileiros. O rock de Elvis Presley e dos Beatles influenciava jovens que também queriam formar suas bandas em casa. Ainda segundo Fernandes:

Também interessada nesse sucesso e na repercussão que o rock causava entre os jovens, um dos canais de televisão da época criou a "Jovem Guarda". O programa conquistou fãs de todas as idades, tornando-se popular e literalmente ditando moda, já que era possível encontrar muitos jovens nas ruas com roupas semelhantes aos ídolos da televisão. Nomes muito importantes do movimento eram Roberto Carlos, Wanderléa, Nalva Aguiar, entre outros (FERNANDES, 2016, p. 8).

Os canais de televisão promoviam grandes festivais em teatros, que apresentavam muitos artistas ao público a cada edição. A MPB (Música Popular Brasileira) firmava-se, tanto como movimento cultural como em protesto contra a ditadura militar no País. Surgiram compositores como Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré e Edu Lobo.

A transição para a década de 1970 foi marcada pela consolidação da MPB, termo que sugeria um tipo de música mais sofisticada do que a feita em outras tendências também populares dentro da música brasileira. Com o passar dos anos mais artistas despontavam, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Elis Regina e Maria Bethânia (FERNANDES, 2016, p. 11).

Logo após a MPB, surgiram outros dois movimentos musicais: a Tropicália e o Iê-Iê-Iê. O movimento tropicalista caracterizou-se por associar uma mistura de elementos da cultura pop. Os compositores da Bahia, Caetano Veloso e Gilberto Gil, foram os principais expoentes desse movimento. Já o Iê Iê Iê ligava-se basicamente ao rock genuinamente produzido no exterior, embora no Brasil tenha suavizado adotando uma temática romântica em uma abordagem geralmente mais ingênua que a música internacional. Teve como grandes nomes Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Tim Maia, Wanderléa, José Ricardo, Wanderley Cardoso e conjuntos como Renato e Seus Blue Caps, Golden Boys, The Fevers.

Durante os anos 1980, nascia dentro do rock brasileiro o movimento rock brasileiro, com o surgimento de artistas como Blitz, Paralamas do Sucesso, Titãs, Ultraje a Rigor e Legião Urbana. No final da década de 1980, gêneros populares ou regionais como o sertanejo, o pagode e o axé music passaram a ocupar espaço considerável nas emissoras de rádio FM e canais de TV.

Fernandes (2016) conclui:

A música não parou desde então. Grandes nomes desses estilos citados passavam de um movimento para o outro, enquanto construíam suas carreiras. Muitos estão vivos e ativos artisticamente até hoje. Roberto Carlos se tornou "o rei do pop", Paralamas do Sucesso, Titãs, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre tantos outros, continuam na mídia com trabalhos recentes (FERNANDES, 2016, p. 12).

5 O uso da música na alfabetização de crianças com dislexia

Segundo a IDA – International Dyslexia Association (2002), esse termo designa

[...] um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (IDA – INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION, 2002).

As crianças disléxicas, muitas vezes, têm problemas com a fala, problemas articulatorios persistentes problemas para encontrar a palavra, desenvolvimento imaturo da sintaxe e dificuldades com as habilidades de segmentação e fusão (SNOWLING,1987;STACKHOUSE 1990). Entretanto, nem toda criança com dificuldades de linguagem e fala terá dificuldades educacionais sérias; muitos desses problemas se resolvem ou não interferem o curso da alfabetização. Por isso a música ajuda no desenvolvimento da fala e ativa áreas ocultas do cérebro que não se podem chegar com o estudo bruto. Com a música, as frases ficam mais conectadas e mais previsíveis de se pronunciar, porque elas se revelam por meio de rimas rítmicas que facilitam o entendimento e na fixação de palavras antes difíceis de se pronunciar. A música entra primeiramente pelo nervo auditivo até o lobo temporal do cérebro, fazendo assim a criança ter uma percepção musical, na qual ela codifica o timbre, o ritmo e a altura do som.

5.1 Dificuldades no Processamento: Diferenças entre a Forma Escrita e a Falada

Muitas pessoas têm a facilidade da forma falada, mas nem todas têm a mesma facilidade na forma escrita, pois na forma falada as frases são soltas e espontâneas já a linguagem escrita requer atenção na forma de formar e fazer o sentido escrito e mais conexa. Para o aluno que sofre a dislexia, tanto a forma falada quanto a escrita são difíceis de compreender e, às vezes ou quase sempre, o aluno com esse distúrbio não sabe expor suas ideias, ou as expõe e não sabe colocar no papel. A língua falada, apesar de ser difícil, torna-se um pouco mais compreensível para quem sofre desse problema, pois ela convive diariamente no meio e, além disso, a língua falada se complementa por gestos, expressões que auxiliam a compreensão do disléxico. A linguagem escrita já é mais complicada, porque a organização de palavras, frases, orações e organizações léxico-sistêmicas é formada por códigos que compõem um sentido de objetos, pessoas. É o meio e que requer um esforço maior do cérebro e o paciente que sofre dessa síndrome se torna incapaz de fazer essa organização e colocá-las em prática. O indivíduo não

tem a preocupação de interligar palavras e seus sentidos apesar de que, na fala também pode haver uma comunicação desconexa e difícil de ser interpretada pelo interlocutor; a escrita se torna complexa também pelo fato de a memória ter que armazenar um grande número de palavras. Para compreensão do texto escrito, é preciso identificar durante o processamento, nomes e pronomes que se referem a elementos que já foram introduzidos.

5.2 O ritmo da fala e Relação com a música

A Alfabetização tradicionalmente tem como sua unidade básica a sílaba e ela tem um ritmo silábico; assim, a música age no cérebro da criança, ativando o lado musical e trazendo mais facilidade em assimilar e fixar letras. Na organização silábica, a música é um forte aliado no ritmo da fala, pois a criança com essa dificuldade irá desenvolver de forma prazerosa e, conseqüentemente, memorizará algumas palavras antes desconhecidas por ela e começará a trazer sentido à organização e aos seus significados.

5.3 Como usar a música na sala de aula

Quando usamos a música com alguma disciplina, podemos perceber que a música é uma arte de manipulação dos sons e permite que a pessoa encontre mais facilidade nas disciplinas que estuda a linguagem verbal. Pode também utilizá-la de maneira incluyente e harmoniosa, mas o professor deve usar essa ferramenta de maneira responsável e deve saber colocar letras de interação e aprendizado não monopolizando aquele que sabe cantar ou tocar melhor do que os outros. Pode fazer uma música usando temas da matéria ou apenas tocar o instrumento ou som para que o aluno sinta as declinações de palavras e ritmos para que os alunos aguçem a percepção e diferentes formas das palavras e seus sentidos.

6 O estudo de caso

Eu aprendi a ler com nove anos, pois, quando pequeno, tive bloqueio cerebral e estudei na APAE. Minha professora se chamava Kássia e trabalhou várias atividades para que eu pudesse ler.

Mas, na verdade, eu aprendi a tocar violão primeiro, antes de ler. Esse foi o processo: comecei a tocar violão quando tinha oito anos e, por meio do violão, aprendi a ler, pois tinha que gravar as músicas na cabeça e a minha professora lá da APAE explorava isso.

Nunca usei cartilha, só letras de violão, pois minha professora explorava meu entusiasmo pelo violão. O processo foi difícil e demorado, pois tinha problemas de aprendizagem. Tive uma leve dislexia, então demorei a escrever e apenas com nove anos de idade aprendi a ler. Ainda hoje, sinto alguma dificuldade na escrita e na leitura, mas sempre recorro à música, para auxiliar-me a gravar as palavras.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou mostrar a importância da música na vida das pessoas e como ela ajuda no processo de alfabetização e nos procedimentos cognitivos de alunos com dificuldade em decodificar e em memorizar algumas temáticas escolares. Foi trabalho possível mostrar a importância da música no letramento e no desenvolvimento de habilidades antes ocultas. Possibilitou-me perceber a interatividade com o meio e as dificuldades encontradas na alfabetização e no letramento, além de o poder da música para um ser crítico e ativo.

Percebi como é importante trabalhar a leitura e a escrita interligadas com a música e a força do vocabulário de letras, melodias e percepções auditivas, orais e intelectuais. Embora não haja cura para a dislexia, o trabalho com a música pode melhorar muito o desempenho desses alunos. A partir do momento em que se trabalhe de maneira correta e inclusiva, essas crianças poderão melhorar o seu desempenho escolar, por meio da música.

Referências

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

CLAIRE, Charlotte. **A Origem da Música na Humanidade**, 2010. Disponível em: <http://obviousmag.org/a_dama_celebre/2017/a-origem-da-musica-na-humanidade.html>

FERNANDES, Adriana. **História da música no Brasil**. Disponível em: <http://discotecaria.blogspot.com.br/2012/05/historia-da-musica-brasileira-breve.ht>,

FREIRE, Paulo. **Educar para transformar**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

KATO Mary. **O aprendiz da Leitura** 5.ed. São Paulo: Martins fontes,1999.

RANGEL Mary. **Dinâmica de Leitura para sala de aula**, 16.ed., Petrópolis-RJ: Vozes 1990

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Rev. psicopedag.** vol.28 no.87 São Paulo, 2011

SOARES, M.; RUBIO,J.A.S. A utilização da música no processo de alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. Vol. 3 nº 1, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>>. Acesso em agosto de 2017

VISVANATHAN, C. **Métodos de Alfabetização**: quais são e como funcionam? Disponível em: <<http://www.mundinhodacrianca.net/2009/10/metodos-de-alfabetizacao-quais-sao-e.html>>.